

EDITORIAL

MOMENTO DE REFLEXÃO: PRODUZIR OU REPRODUZIR CONHECIMENTO E PARA QUÊ? AFINAL, QUAL A MISSÃO DA PESQUISA CIENTÍFICA EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL?

LUCIANO MUNCK

Doutor em Administração, Universidade de São Paulo – USP, Brasil.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Brasil.
munck.luciano@gmail.com

É inegável e os números demonstram isso que o ritmo da produção de novos artigos científicos na área de administração cresceu significativamente nos últimos anos. Consequentemente, houve também uma ampliação dos periódicos científicos para receber o “significativo” avanço. Contudo, uma importante reflexão que devemos fazer é: cresceu também o volume da produção de conhecimento original? Por original eu chamo aquele conhecimento que ultrapassa propostas já profundamente apresentadas por seus autores e debatidas à exaustão pelos seus seguidores.

Ao observar a partir de uma lente mais apurada os artigos publicados de forma geral, acabamos por perceber que grande parte deles teve como objetivo subjacente tão somente alcançar a aprovação nos periódicos com o intuito de incrementar os currículos de seus autores. Para averiguar isso basta observar a originalidade ou a continuidade das contribuições apresentadas. Alguns artigos parecem que surgem do nada, ou na melhor das hipóteses de uma disciplina cursada em programas de pós-graduação. Eles começam e acabam naquela publicação. Não são, na maioria, resultados finais de grupos de pesquisa consolidados ou em consolidação. Me arrisco a dizer que essa categoria de artigos atinge até 80% de nossa produção científica. Então, questiona-se, vale a pena para a sociedade dedicar investimentos públicos na forma de salários, bolsas e infraestrutura a pesquisas que se empenham em desvendar o que o autor X ou Y quis dizer com suas propostas e parar por aí? Ou em um estudo de caso na empresa Z que não apresenta nenhum avanço teórico ou prático para a área estudada? Ou também estudos que desenvolvem e aplicam equações a análises multivariadas tão complexas que talvez nem os próprios autores consigam justificá-las depois de algum tempo? Esses questionamentos deveriam estar mais presentes em nossa academia.

Há dois anos o Encontro Anual da Academy of Management teve como tema “Tornando as Organizações Relevantes”, neste ano (2018) o tema é “Melhorando Vidas”. Esses temas demonstram a importância que a maior academia de administração do mundo está dando à recuperação de sua capacidade (e credibilidade) de intervir de forma consistente e robusta nos rumos tomados pela sociedade por meio de suas organizações. A pesquisa, ao menos na área de administração, deveria ter o propósito de transformar, de melhorar, de questionar e propor soluções, bem como de criar novas possibilidades para problemas que emergem a cada dia no contexto organizacional. Tudo isso com a apresentação de coerência teórica, contextual e metodológica.

Sem dúvida, diante do tamanho dos problemas sociais, mostra-se fundamental compreender as origens de propostas práticas como Balanced Score Card, Triple Bottom Line e Recrutamento e Seleção por Competências por exemplo, mas são raros os estudos que questionam e colocam em dúvida suas bases epistemológicas e sua aplicabilidade em diversos contextos. Para fazer isso, elas teriam que ser estudadas a fundo. A crítica que busca alcançar melhores consistência e coerência metodológicas e teóricas em relação à aplicação de “ferramentas” certamente melhora a qualidade de soluções para problemas complexos e sistêmicos enfrentados pela sociedade. Portanto, sugere-

se que não podemos nos conformar em somente estudar e afirmar, por exemplo, que determinada comunidade ou grupo são dominados por práticas perversas e desiguais empregadas por um grupo mais poderoso. Sim, é fundamental termos essa consciência! Mas o que faremos para mudar ou amenizar essa situação no tempo que temos disponível? Que ferramentas podemos, sim ferramentas, poderíamos utilizar?

Acredito que a academia que se propõe a pesquisar administração deveria se voltar também a incentivar a busca por conhecimentos originais. Incentivar, portanto, um aprofundamento sobre o significado desse campo de conhecimento, de suas fronteiras, bem como de suas formas de diferenciação de outras ciências como filosofia, sociologia, psicologia, engenharia, etc. Não podemos simplesmente nos esconder atrás da pecha de ciência multidisciplinar ou transdisciplinar! E com isso não propor e não organizar nada característico e próprio. Afinal, o que nós somos e para que ou quem nossa produção de conhecimento contribui? Vamos simplesmente continuar aceitando que estamos em patamar inferior a outras ciências? No caso de consultorias ou de gestores empresariais, que não têm a responsabilidade de apresentar fundamentações teóricas para suas propostas, ações e decisões, tudo bem, em geral seus objetivos são claros e aceitos por quem os contrata. Mas e no caso dos pesquisadores? Como eles têm pesquisado a ciência que dá suporte para o processo organizativo?

As possibilidades de estudos são infindáveis. Mas vejo poucas iniciativas que ousam questionar e aprimorar os modelos motivacionais propostos na década de 50, rever a eficácia e a contemporaneidade do Toyotismo, questionar o papel das normas ISO na formação de melhores estruturas de gestão e controle, melhor compreender o Lean Manufacturing como fator de ampliação do poder de agência, e por fim, que tipo de organizações se beneficiaram da teoria dos custos de transação, enfim, são inúmeras as possibilidades! Mas, muitos programas *Stricto Sensu* têm paúra da palavra “na prática”, mas no fim das contas, nossa ciência não é uma ciência da prática e para a prática? Ou não? Estudos teóricos são fundamentais, sim! Mas em que proporção em relação a estudos intervencionistas por exemplo? Aliás, a própria pesquisa-ação não é nem considerada um método respeitável por alguns acadêmicos.

Finalizando e respondendo à questão do título, acredito que estamos numa espiral de reprodução do mesmo que denuncia nossa fragilidade intelectual. Temos que retomar nossa busca por originalidade, e isso implica deixar de lado um produtivismo de artigos, quiçá fosse um produtivismo de conhecimentos originais. Tudo isso passa também por aumentarmos o volume de estudos “aplicados” e “aplicáveis” nas mais diversas esferas da sociedade. Aplicados e aplicáveis aparecem entre aspas para ressaltar a amplitude do termo e não a possibilidade de cair no reducionismo intelectual de achar que essa aplicabilidade seria sinônimo de estudos rasos, interesseiros e sem consistência. Seriam sim aquelas pesquisas que prestam um serviço à sociedade, que almejam torná-la mais amparada em relação às suas decisões a partir do uso de ferramentas que demonstram e validam a solidez conceitual e aplicada das propostas. Portanto, em tornando-se original, a academia da administração, pode se apresentar muito mais útil para reduzir as diversas mazelas da sociedade.